AS ESCOLAS DE REPETIÇÃO: UMA AVANÇADA DE LANCEIROS. — (*Cliché* Benoliel)

N.º 343 Lisboa, 16 de Setembro de 1912

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPANHA:

Anno 1$800—Semestre $400—Trimestre 1$200

Illustração PORTUGUEZA

Diretor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-

DIGESTÕES DIFICEIS

As digestões dificeis são, como todos sabem, um mal a que quasi toda a gente está sujeita, e que, não convenientemente tratado, tem sempre como consequencia as mais terriveis e prejudiciaes perturbações organicas. Não sendo devidamente feita a assimilação dos alimentos ingeridos, o organismo não recebe os produtos de que necessita para o seu regular funcionamento, e o complicado mecanismo porque é constituido o nosso corpo começa então regulando mal.

Portanto o que é necessario é empregar n'estes casos de digestões dificeis um remedio que ao mesmo tempo que tonifique o organismo já abalado, seja tambem um regulador das funções digestivas, condições que sómente a

SOMATOSE LIQUIDA

reune, pois, que só este produto, o unico reconstituinte e estomaquico cientificamente preparado, satisfaz por completo aos fins a que se propõe.

ENCONTRA-SE Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

A VIDA EM OSTENDE

Á HORA DO BANHO

9 da manhã.

Em Ostende ainda se toma banho. Nas praias francezas essa moda já quasi passou; e as damas de costumes leves, que d'antes iam á borda d'agua poisar para os fotografos preferem agora envergar o «maillot» no proprio atelier do artista e tomar poses de ondinas á beira d'um mar de papelão. A's 9 horas, porém, o banho d'Ostende é burguez, pacato, sem interesse: Algés traduzido em belga—os senhores sabem... A alta sociedade dorme ainda o sono compensador d'uma noite do Kursaal. Depois, as primeiras «toilettes» são longas; os «petits dejeneurs» sempre em atrazo.

10 da manhã.

O dique está concorrido; os «bars» á cunha com os freguezes do primeiro almoço rodeando as mezas em fórma de tuneis. Pelos caminhos que conduzem á praia passam as primeiras «toilettes» elegantes da manhã. Ostende assume o seu aspéto de cidadesinha pimpante de cosmopolitismo e movimento. Os «camelots» apregoam jornaes em varias linguas. Junto ás portas dos hoteis vendem-se flôres.

11 da manhã... Meio-dia.

A praia está em plena animação e em plena elegancia—como diria um cronista mundano do «Diario Ilustrado» que Deus levou. Movem-se as «cabines» que enormes cavalos conduzem até á beira do mar. Algumas, as de luxo, são verdadeiros gabinetes de «toilette» a que não falta o conforto. Os fotogra-

1—Um trecho da praia de Ostende. 2—Banho de sol.

fos movem-se em bandos como os gafanhotos. Ha-os empoleirados no tejadilho das barracas; ha-os escondidos por detraz dos barcos; alguns, de calças arregaçadas, dentro da agua, com o mar a chegar-lhes aos joelhos; outros espreitando, pacientes, algum inesperado abrir de porta de cabine. Por toda a parte mulheres e homens, em «maillot». Algumas, com o vestuario reduzido ao minimo de extensão e de expessura, prestam-se, com um sorriso em que o pudor não entra, á admiração das multidões libidinosas. E, ao vêl-as tão insolentemente despidas, eu não posso deixar de recordar o nome motejado e a obra esteril de mr. Bérenger.

Mr. Bérenger — os senhores sabem — é aquele ancião e membro do Senado francez, presidente, fundador e não sei se unico membro da Liga contra a pornografia e, em todos os campos, na tribuna parlamentar e na imprensa, por todos os meios, pela pena, pela palavra, pelo exemplo, o mais esforçado defensor da Moral Publica. Esse homem do Senado é o inimigo mortal dos postaes bregeiros, das mulheres nuas, das cançonetas equivocas; não será njusto designal-o como a folha de vinha que a sociedade franceza coloca diante das «toilettes» sumarias e dos gestos sugestivos para que reparem n'eles os que da sua existencia até então não tenham dado fé.

Onde passará o verão mr. Bérenger? Por certo não é em Paris. A sua ausencia é notoria. Ha oito dias que a joven «dansense» X dança nas Folies d'Eté, de gambias nuas sem que o Prefeito tenha sido chamado a tapar com o seu «pardessus» autoritario a rosea sedução da sua pele ao léo. E é natural, de resto, que o respeitavel legislador precise de repoiso. Um ano a fio, de casa e pucarinho com a Moral Publica, é tarefa superior ás forças de qualquer: a velha matrona é rezingona, tem a impertinencia propria da edade e essa ferocidade implacavel das «vieilles filles» que odeiam os amôres da gente nova. Onde passará o verão mr. Bérenger?...

...1 da tarde.

A hora do almoço. Um grupo de homens passa, sem chapeus. Levou-lh'os um pé de vento? Não, é a moda. Respeitemol-a.

No meu hotel encontro um par que desde ha dois dias é o têma de conversa dos hospedes e do pessoal, alvo de todos os comentarios, fito de todas as atenções. São, creio eu, francezes do sul: ele moreno, ela loira. Que fizeram? Coisa simples. Chegaram ao hotel e pediram um quarto. Apresentaram-lhe varios com duas camas. Exigiram um só leito, grande. Foi um reboliço; houve duvidas; o pessoal todo córou. Afinal soube-se que no hotel não havia camas onde

1—Um banho de familia. 2—A caminho das ondas

1—O belo horrivel. 2—Pose dificil. 3—Ginastica sueca.

A praia d'Ostende

gas. Na praia, á vista de todos, as mulheres passeiam nuas: n'um quarto d'hotel não é permitido a qualquer repousar como entende com a mulher que lhe pertence.

Soube eu então que dias antes, n'uma das estações dos excelentes eletricos d'Ostende, ao chegar d'um com-

1—Antes de entrar para o banho. 2—Um hercules. 3—O sexo forte

boio, o condutor correu um tanto espavorido, ao chefe ou inspetor que lá estava.

—Alguma coisa de novo? — inquiriu este. E logo o outro, ainda comovido.

—Ha dois passageiros de 1.ª que se beijaram no «train».

...D'onde se vê que, apezar de todos os «maillots», os velhos dominios do bregeiro Leopoldo ficam a muitas leguas de Paris.

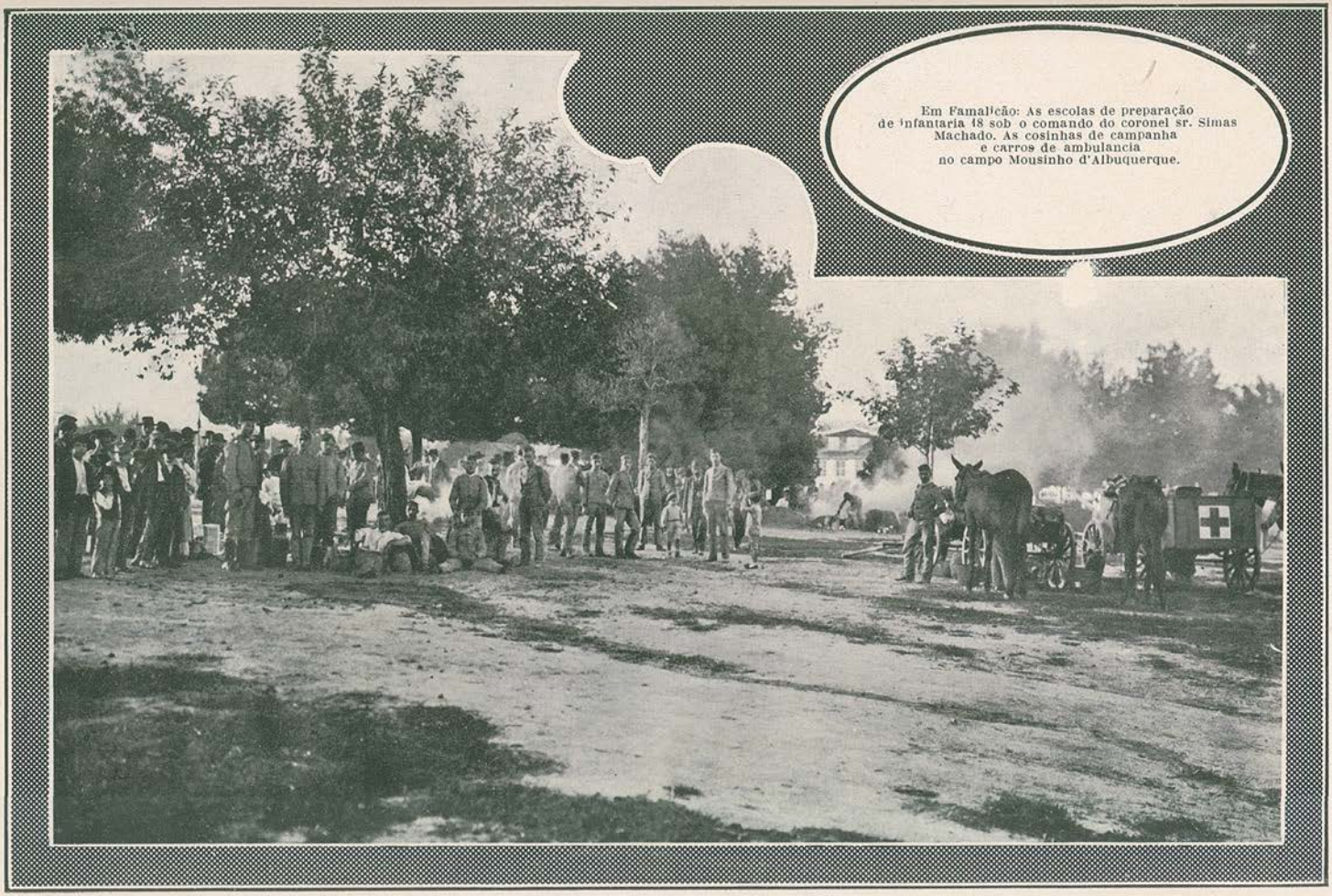
P. O.

Escolas de Repetição

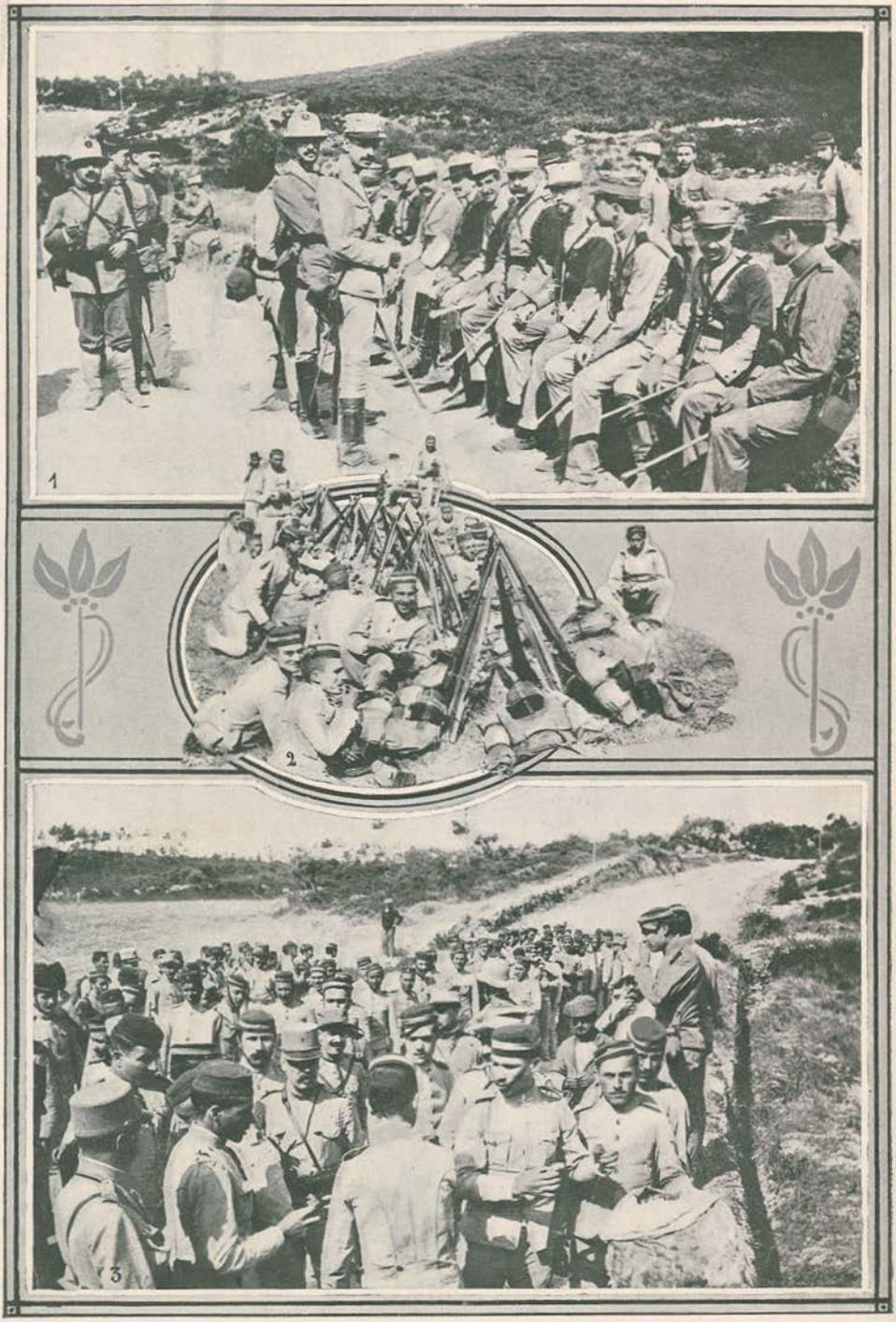
Os regimentos de art. 1 e inf. 2 fizeram as suas marchas com a maior regularidade apesar do grande calor, saindo um de Dois Portos e outro de Sobral de Monte Agraço, até onde tinham ido em marchas afim de se concentrarem em Bucelas para os grandes exercicios.

Anteriormente, porém, manobraram em Alqueidão de Santo Amaro com inexced vel pericia

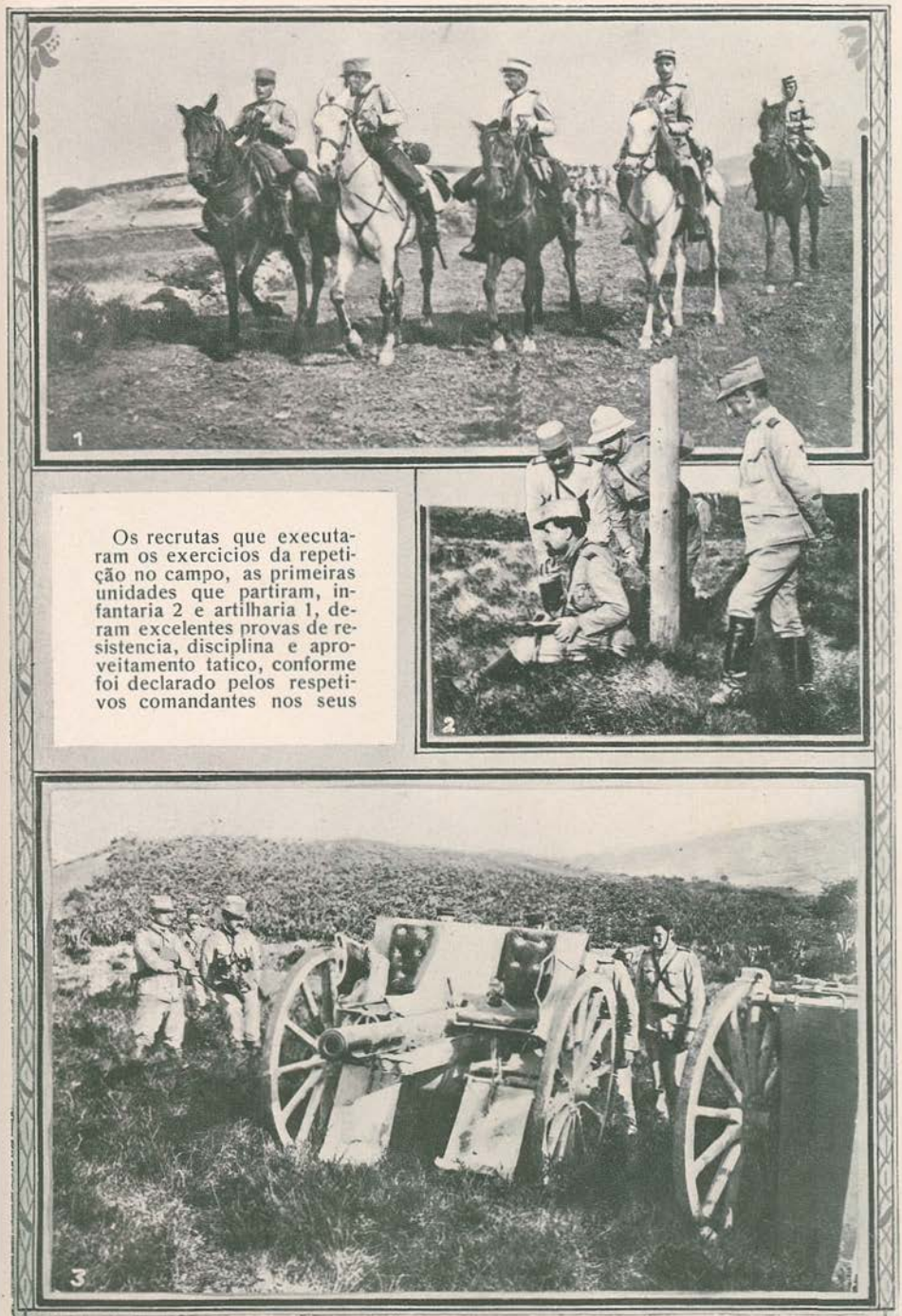
1—Infantaria 2 na serra da Carregueira. 2—Um descanço na serra da Carregueira. 3—Os oficiaes do 2 de infantaria detalhando no mappa o itinerario. 4—O major Pereira Bastos ◇, chefe do estado maior, e os oficiaes de infantaria 2.



Em Famalicão: As escolas de preparação de infantaria 18 sob o comando do coronel sr. Simas Machado. As cosinhas de campanha e carros de ambulancia no campo Mousinho d'Albuquerque.



1—A oficialidade de infantaria 2 em descanço. 2—Um bivaque do 2 de infantaria. 3—A distribuição do rancho a infantaria 2.



Os recrutas que executaram os exercicios da repetição no campo, as primeiras unidades que partiram, infantaria 2 e artilharia 1, deram excelentes provas de resistencia, disciplina e aproveitamento tatico, conforme foi declarado pelos respetivos comandantes nos seus

1—O comandante de infantaria 2 com os oficiaes do regimento, dirigindo o ataque contra o forte de Alqueldão. 2—O tenente coronel, sr. Soares Branco, comandante de artilharia 1, observando os trabalhos dos oficiaes em volta do alto de Tetaes. 3—A bateria comandada pelo capitão Pala, regulando as pontarias.

agradecimentos aos oficiaes, que devotadamente os coadjuvaram n'aquela dificil missão.

Durante alguns dias, levando a existencia de campanha, mais uma vez se afirmou a excelencia da nova organisação do exercito.

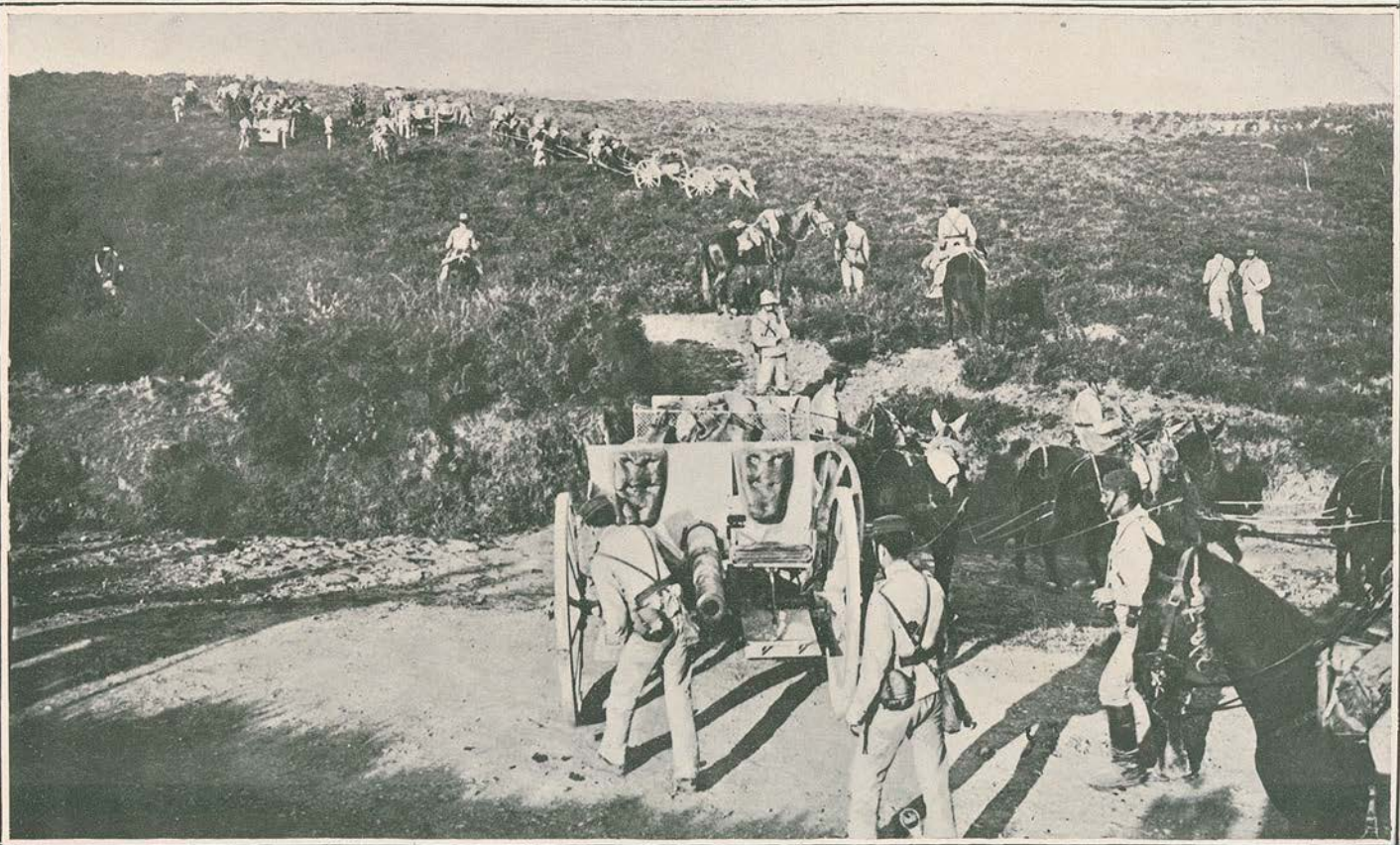
1—No moinho do Raposo, no alto de Pera Longa: a infantaria atacando o forte de Alqueidão.
2—A artilharia na estrada do Sobral ás Caldas.

Nas marchas de Lisboa a Sobral, nos ataques e defezas em Alqueidão e Bucelas, artilharia e infantaria isso deixaram exuberantemente confirmado. Uma das notas mais interessantes d'essa mobilisação foi a vida em comum dos soldados vindos de tão diferentes classes sociaes e egualitados no campo perante a disciplina, como sucede em todos os exercitos republicanos. Outr'ora podia dizer-se que o soldado vinha apenas do povo, era escolhido entre os operarios, os camponezes, os homens de trabalho e sem instrução; agora todos os portuguezes de todas as sociedades são obrigados a servir o seu paiz. Com a maior boa vontade eles o fazem, sendo hoje os soldados de infantaria, de artilharia, de cavalaria e ámanhã os medicos, os engenheiros, os jornalistas que com os simples trabalhadores enfileiram, se associam e vivem na confraternisação da caserna e das manobras. Ladc a lado, dormin-

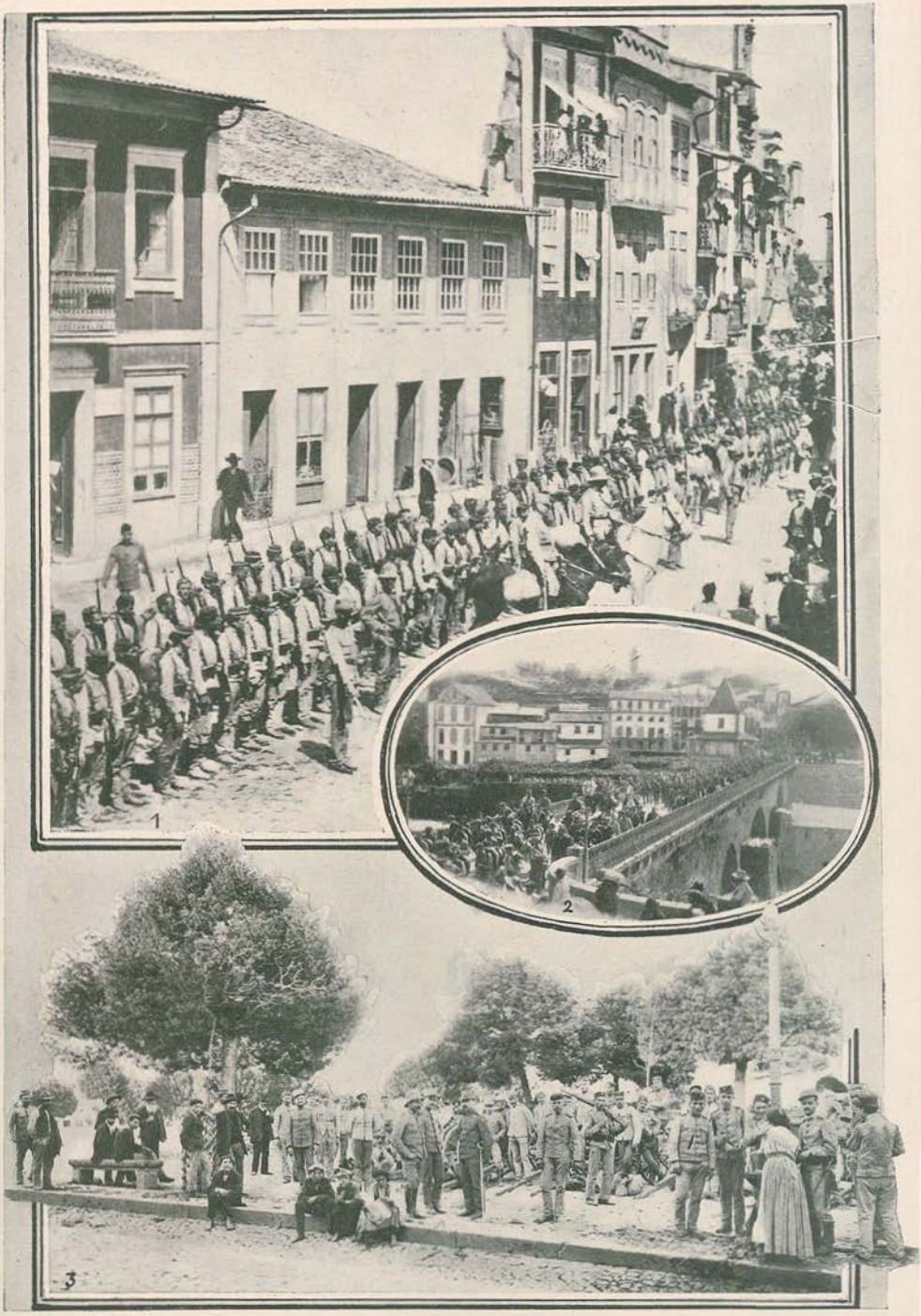
O capitão Paia e o tenente Brandão observando as posições da infantaria que deviam proteger

do sob a mesma tenda, partilhando do rancho, ajudando em todos os trabalhos, sendo perfeitamente eguaes, esses soldados que manobraram nos arrabaldes de Lisboa deram a plena convicção de como o moderno sistema militar é esplendido, dando os resultados agora tão eloquentemente mostrados na mobilisação suissa, á qual o Kaiser teceu rasgados elogios.

Em Portugal, com o decorrer do tempo, chegar-se-ha ao mesmo, podendo-se, nas terceiras manobras, mobilisar duzentos mil homens, movendo-se ao mesmo tempo.



As escolas de repetição: A artilharia instalando-se no alto de Tetaes, perto do Sobral de Monte Agraço.



1—O regimento de infantaria 18 em Barcelos: Formatura na rua D. Antonio Barroso. 2—A marcha de infantaria 18 na ponte de Barcelos. (Clichés enviados pelo correspondente do «Seculo», sr. Placido Lamelas). 3—Grupo de metralhadoras n.º 3, no campo Mousinho d'Albuquerque, em Famalicão. (Cliché Alvaro Martins).

A INDUSTRIA DA LIMA EM VIEIRA DE LEIRIA

A Vieira é talvez mais falada pela sua praia lindissima, que fica a 3 kilometros da vila, e pela saborosissima sardinha que n'ela se pesca, do que pelas suas excelentes limas e machados. Estes dois instrumentos são tão inseparaveis do serrador, como é a serra. E os melhores serradores são da Vieira, explicando-se assim porque a lima e o machado saem d'ali com o cunho de uma perfeição, onde vae muito o brio do fabricante, mas onde não vae menos o empenho patriotico de munir com instrumentos seguros de trabalho aqueles que debandam pelo paiz e por terras de Hespanha e do Brazil a ganhar a vida.

Se a Vieira não tivesse este recurso, ai! d'ela, com a pavorosa e inexplicavel escassez de peixe que se está dando na sua costa e com as exigencias extorsivas da administração do pinhal de Leiria, feitas á pobre gente que tem as suas barraquinhas de madeira na orla areenta do pinhal, ou conseguiu á força de muito trabalho fixar uma nesga d'areia onde plantar uns pés de couve.

O fabrico de limas na Vieira anda tradicionalmente ligado ao honrado nome da familia Féteira, familia numerosa, hoje dividida em casas importantes. Estivémos na do sr. Joaquim Tomé Féteira, um portuguez de tão rija tempera como a das suas limas, um cavaqueador interessante, apaixonado por assuntos de higiene e medicina, de que se revela grande conhecedor. Nunca nos esqueceremos da sua galharda hospitalidade, nem da organisação encantadora d'essa familia d'artistas. Trabalham ele e os filhos todos na perfeição, incluindo as meninas. Trabalha tambem sua esposa, tendo-a nós visto executar o «picado» de uma lima com uma certeza e rapidez admiraveis.

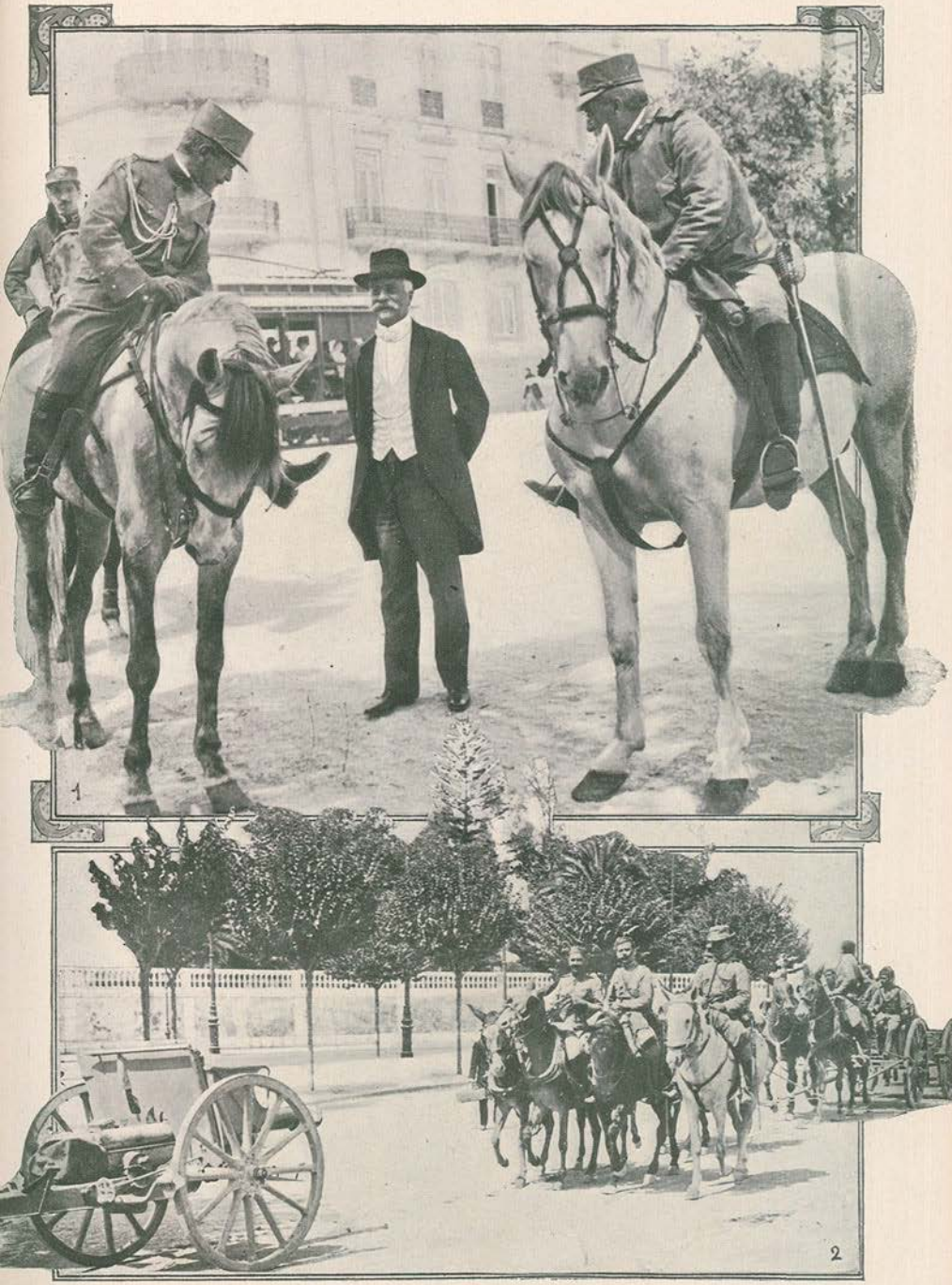
Cada um tem estabelecido o seu ordenado e numero d'horas de trabalho e cumpre rigorosamente as suas obrigações, como as outras pessoas que vão de fóra trabalhar nas suas oficinas, das quaes saem todos os anos dezenas de milhares de limas para o paiz, Brazil e Hespanha, pois que o fabrico nacional ainda se não deixou vencer pelo estrangeiro.

Pena é que os governos não tenham dispensado a esta industria uma proteção que lhe permita um desenvolvimento que a torne uma das primeiras do paiz.

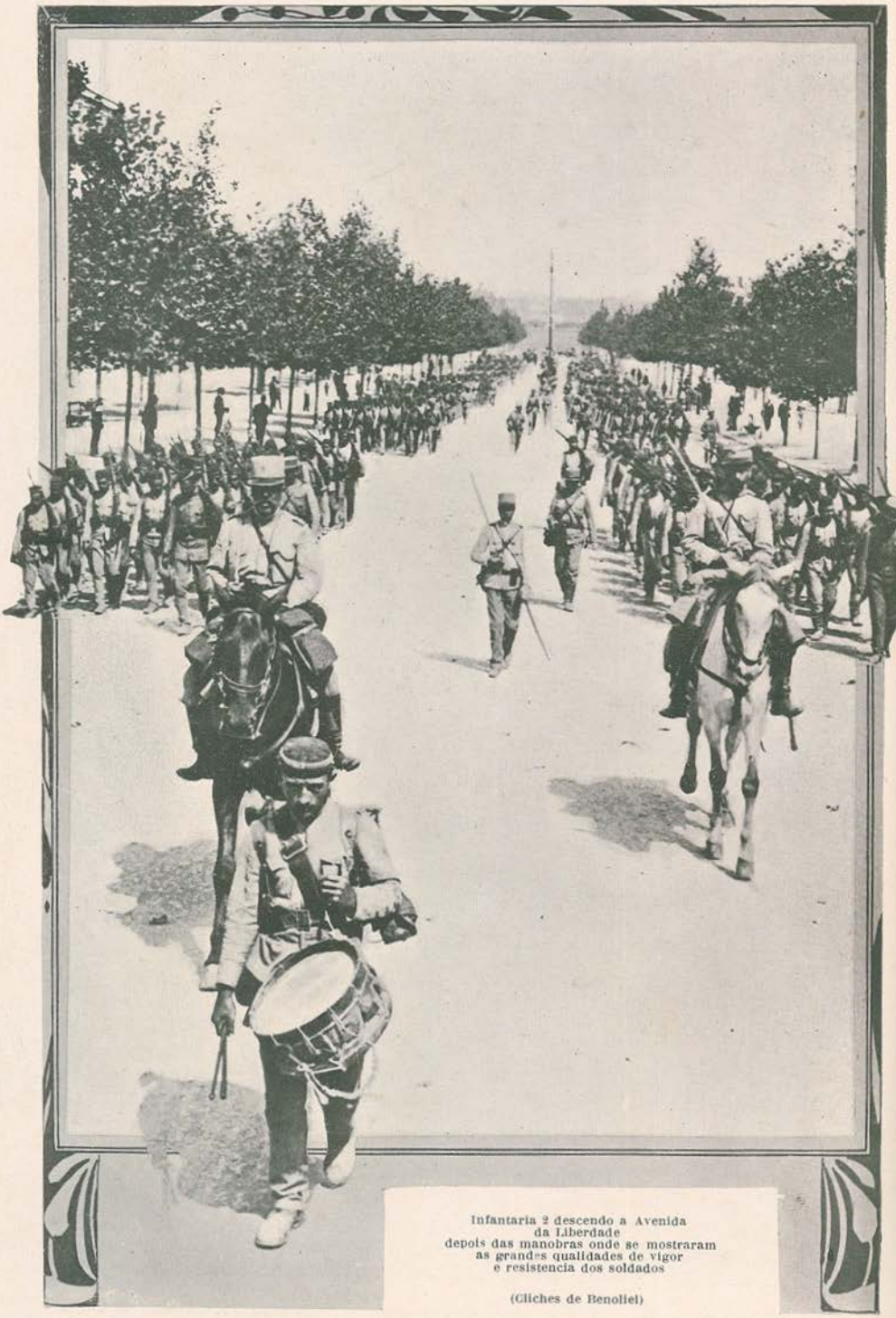
(Clichés do sr. João de Magalhães Junior).

1—N'uma das oficinas do sr. Féteira. 2—O sr. Joaquim Tomé Féteira e sua familia

O REGRESSO DAS MANOBRAS



1—O chefe do estado-maior, o ministro da guerra, o general da divisão, no dia da chegada dos regimentos a Lisboa.
2—Artilharia 1 na volta das manobras.



Infantaria 2 descendo a Avenida
da Liberdade
depois das manobras onde se mostraram
as grandes qualidades de vigor
e resistencia dos soldados

(Cliches de Benoliel)

FIGURAS E FACTOS

Apareceu um novo romancista, o sr. dr. Augusto de Brito, que, com o seu livro *Flôr de Laranjeira,* acaba de fazer uma estreia auspiciosa como poucas, narrando, n'uma linguagem bem portugueza, uma interessante historia.

1—Sr. dr. Augusto de Brito, autor do interessante romance «Flôr de Larangeira.» 2—Sr. Estevão d'Oliveira, abastado lavrador, falecido em 6 de setembro. 3—O comandante do «Monte Penedo», capitão Wilsptremann. 4—O vapor alemão «Monte Penedo», o primeiro navio movido a petroleo que fundeou no Tejo. 5—Batalhão Voluntario de Viana do Castelo.

A VISITA DO KAISER A' SUISSA

O imperador Guilherme assistiu ás manobras dos regimentos da confederação helvetica e ficou, ele — o soberano mais devotado ás cousas militares — entusiasmado com a esplendida organisação d'aquele exercito de que todos os cidadãos suissos fazem parte e que hoje já é um poder formidavel no paiz neutro mas que admiravelmente se póde defender.

Duzentos mil homens em pé de guerra se consegue na confederação, além de mais duzentos mil da reserva sendo curioso como os suissos, que foram sempre os valentes soldados de aventura ao serviço de extrangeiros, estão agora cheios d'um espirito positivo não tendo perdido todavia cousa alguma das suas brilhantes qualidades de guerreiros. Em 1910 o coronel Sprecher já se exprimia assim: «Devemos convencer-nos dia a dia de que, se a independencia da patria o carecer, poderemos entrar n'uma guerra não sómente defensiva mas francamente ofensiva.»

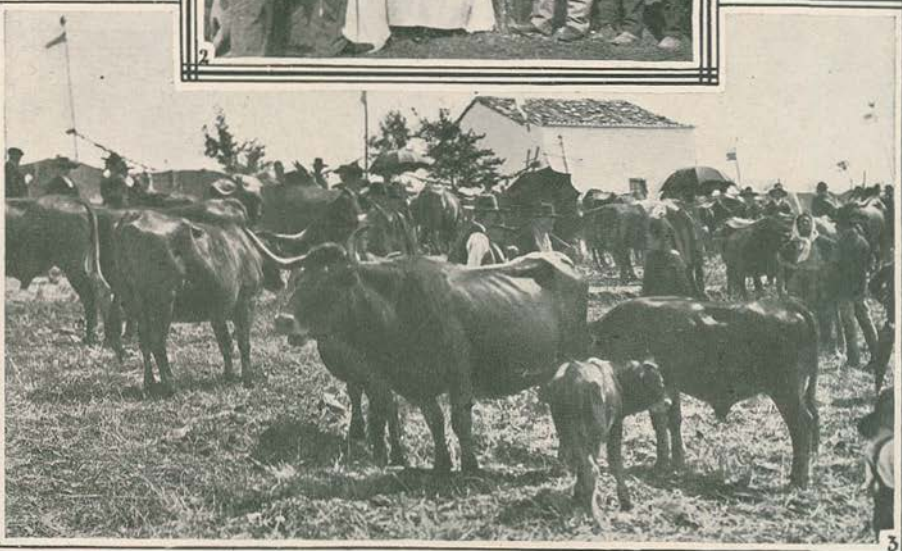
Realmente com uma grande tenacidade, com persistencia sem egual, com um alto espirito, a Suissa organisou o melhor dos exercitos que o kaiser viu manobrar entusiasmado ao lado do velho presidente da confederação.

Os oficiaes francezes, e entre eles o general Pau, que assistiam as manobras, viram o kaiser, a pé, n'uma linha de atiradores, falando com os soldados e ouviram um sargento suisso exclamar: «o nosso tenente dá-se mais importancia que o imperador», o que demonstra a afabilidade do soberano e como manteem a disciplina os oficiaes d'esse esplendido exercito democratico.

1—O imperador Guilherme com o presidente da Suissa, sr. Forrer. 2—Guilherme II passando em revista a companhia de honra. (Clichés Delius)

Feira de Santo Antonio
EM
VINHAES

A feira de Santo Antonio em Vinhaes é das mais concorridas, pois de muitas leguas em redondo vem gente para as transações no excelente mercado. Com bailes e descantes decorrem as festas tradicionaes em que se desafogam os espiritos e se fazem bons negocios.



1—Na feira de Santo Antonio: Fazendo compras. 2—Venda de aneis. 3—Trecho do mercado de gado.
(Clichés do sr. Anselmo Dias)

A Escola Normal do Porto

1—Alguns trabalhos manuaes executados pelos professores primarios que frequentaram o curso de mr. Destanberg

2—Grupo de professores e professoras que frequentaram o curso de mr. Destanberg: Ao canto, no 3.º plano, mr. Destanberg, tendo ao lado direito os srs. Lopes d'Araujo, secretario da 3.ª circumscrição escolar, e Parada Leitão, diretor da escola normal, e ao lado esquerdo o sr. Henrique de Sant'Ana, professor da escola normal e membro da direção do sindicato.

(Cliché Alva o Martins)

Os trabalhos manuaes que os professores das escolas normaes frequentam vão ser d'uma grande utilidade, pois irradiarão para o ensino primario onde se aproveitarão muitas aptidões.

No programa d' quele ensino já havia o trabalho manual agora posto em vigor n'uma medida louvavel pelos seus resultados reconhecidamente praticos.

Na Povoa de Varzim

Uma festa da colonia balnear

1—Aspéto do «pic-nic» promovido pela colonia balnear do Varzim e pelo sr. dr. Francisco Machado, em honra do sr. Joaquim de Castro, de Vila Cova, que se portou heroicamente quando da tentativa monarquica sobre Felgueiras, e que se realisou em Espinheira, na margem do rio Este. 2—Um trecho da mesa. 3—Outro aspéto da festa. (Clichés do fotografo amador, sr. João A. Pereira).

FESTA MILITAR EM SETUBAL

Os recrutas que se incorporaram em infantaria 11, aquartelado em Setubal, fizeram o seu juramento de bandeiras.

Foi uma bela festa, incontestavelmente, das mais excelentemente organisadas. Os oficiaes, srs. coronel Xavier Libanio, major Julio d'Oliveira e professor Marques Catarino proferiram entusiasticos discursos, cheios de patriotismo, citando exemplos das nossas grandes glorias militares e do seu amor e dedicação pela sua patria. Seguiu-se a cerimonia do juramento, após a qual o povo que assistia ovacio-

1—Na parada, antes do juramento. 2—Salto em altura. 3—Salto de costas. 4—Salto de frente.

1—Na formatura

2—Esgrima de baioneta

3—O discurso do professor por ocasião do juramento de bandeiras

nou com delirio os soldados á sua passagem.

Concluida esta cerimonia, realisaram-se varios jogos sportivos, sendo o programa cumprido rigorosamente, notando-se em todos os soldados a excelente pericia com que executaram todos os numeros, alguns, como os da ginastica, bem dificeis.

Os dignos oficiaes foram, para todos os convidados, de uma cativante gentileza e d'uma requintada amabilidade que muitos os penhorou.

As fotografias que acompanham este artigo são do alferes de infantaria n.º 11 sr. Luiz Pamplona, que as offereceu á *Ilustração Portugueza*.

JOSÉ AGOSTINHO PAULO.

O enterro do sub-inspétor dos bombeiros Conceição

1—Aspétos do funeral: Os bombeiros voluntarios no cemiterio.
2—O ultimo retrato do velho Conceição.

3—O turno dos bombeiros municipaes.

(Clichés de Benoliel)

FIGURAS E FACTOS

1—Em Extremoz: a merenda democratica na quinta do Cerejal. (Cliché do sr. Grincho)
2—As creanças do Centro Alexandre Braga que foram premiadas.

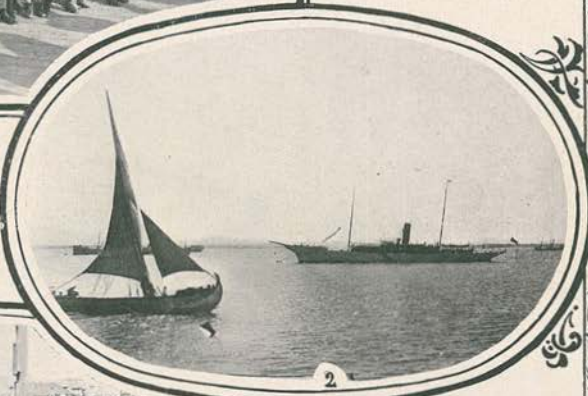
Os centros republicanos, apesar do advento do novo regimen, continuam com a sua propaganda educativa aliviando em parte o estado e celebrando em parte o aproveitamento dos seus alunos com sessões solenes, onde são distribuidos premios, como sucedeu ha das no Centro Alexandre Braga.

4—As creanças da Cantina de S. Miguel d'Alfama que estão instaladas no Alfeite a gosarem as ferias.

3—As creanças d Junção do Bem, que vão tomar banhos a Caxias, esperando o comboio na estação do Caes Sodré
(Clichés de Benoliel)

As juntas de paroquia iniciaram a obra das cantinas escolares, ás quaes se deve essa esplendida ação dos banhos ás creanças dos bairros pobres que, por conta d'aquelas agremiações são levadas ás praias visinhas onde lhe são tambem fornecidas refeições.

1—Grupo das creanças das cantinas escolares que vão a banhos á Trafaria.
2—O yacth «Albert», a bordo do qual se dizia estar o tio do ex-rei, de passagem para Bombaim, mas onde se apurou que viajava o principe Luiz Fernando com alguns amigos.
(Clichés de Benoliel)



3—A visita do chefe do Estado ao campo entrincheirado do lado sul do Tejo: O embarque do sr. Presidente da Republica na ponte da Parceria com o ministro da Guerra.
4—A despedida do Presidente da Republica.

O chefe do Estado visitou as fortalezas da margem sul do Tejo acompanhado pelos oficiaes das respetivas unidades e pelo sr. ministro da Guerra.

O *yacth Albert*, que navegava com o pavilhão da divisão naval da reserva inglesa e que fundeou no Tejo durante um dia e uma noite, foi objeto d'uma grande vigilancia pois se dizia que vinha a bordo o ex-infante D. Afonso com destino a Bombaim. Assim o tinham anunciado telegramas de Brest para os jornaes francezes e d'aí transmitiu-se com todo esse alarme.

Entretanto o tio do ex-rei encontrava-se em Aix-les-Bains e quem viajava a bordo do esplendido *yacth* era o principe Luiz Fernando, que foi visitado pelo ministro de Hespanha em Lisboa, visto ser filho de uma infanta hespanhola.

O administrador da Guarda tem percorrido os logares do seu concelho fazendo a propaganda das leis da Republica, o que tem dado otimos resultados. O povo escuta atentamente as palavras do conferente que, nas suas excursões, esplendidos serviços tem prestado ao regimen.

1—Na Guarda: o administrador do concelho. 2—O administrador do concelho da Guarda, tenente professor de 16 d'infantaria, sr. João Soares explicando ao povo de Adão as leis da Republica. (Cliché Ayres da Guarda)

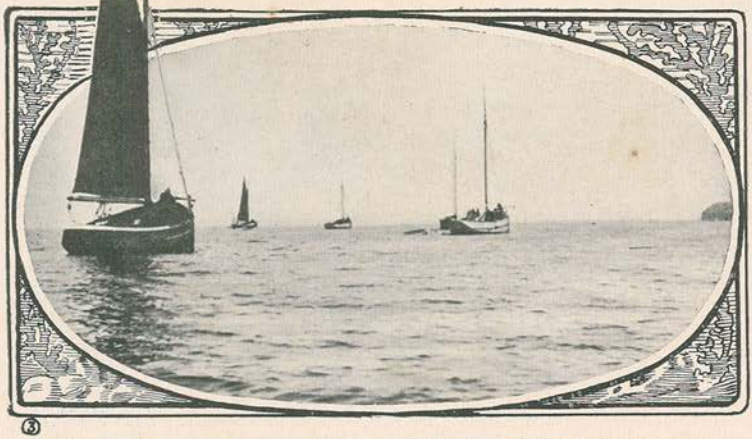
3—Grupo civil defeza da Republica em Felgueiras, que entrou em Cabeceiras de Basto, juntamente com as tropas, no dia 9 de julho: No primeiro plano sentados, da esquerda para a direita, srs.: Antonio Luiz da Silva, Miguel Pinto de Figueiredo, dr. Antonio Pinto de Sampaio e Castro (administrador do concelho), Alvaro Costa (comandante do destacamento), Francisco Ferreira da Cunha Lemos, Manuel José da Costa e Antonio José da Cunha Felgueiras. No 2.º plano de pé: srs. dr. Alberto Costa Leite e Alexandre Sampaio.

A Pesca da Lagosta

Peniche é o povoado dos pescadores de lagosta, das grandes companhas que, de paes para filhos, se exercitam no mister, com as suas *artes* e os seus *covos*, os instrumentos de pesca d'esse crustaceo que tem a fama de excelente, pescado n'aquelas aguas.

Os barcos vão para o mar tripulados por tres e quatro homens e lançam as *artes* que se vão levantar no dia seguinte ou os *covos* e cachoeiras que se atiram e recolhem no mesmo dia. E' aquela pesca uma grande fonte de receita para Peniche; é mesmo o seu melhor rendimento e d'ele se alimenta aquela população de pescadores que, com a gente de Viana do Castelo, faz o trabalho quotidianamente. A lagosta vende-se cara; ha até quem venha especialmente buscal-a a Peniche, em barcos, principalmente para França e Hespanha, onde o crustaceo é apreciado como um mimo raro.

Vendem-se a trezentos e a quinhentos réis cada uma e isso demonstra bem o rendimento enorme que da sua pesca vem. D. Lourenço Zaragoza e Joaquim Petinga são os maiores agentes de exportação na vila. Em grande parte tem diminuido já a exportação, tem baixado, mas ainda assim não deixa de constituir um grande movimento de dinheiro.



1—Desemalhando lagostas. 2—Uma canôa de pesca da lagosta. 3—Chalupa franceza ancorada em Brotões: «laraplos», como vulgarmente são conhecidas

Em 1910 pescaram-se70:140 lagostas que renderam vinte e um contos duzentos vinte e nove mil e cincoenta réis; em 1911, 33:982, que renderam dez contos seiscentos cincoenta e seis mil seiscentos e dez réis e em 1912, a é julho, 13:326, que se venderam por cinco contos setecentos

1— Entrada do Portinho de Revez.

2 — «Piratas» (chalupas francezas da pesca da lagosta arribadas)

3—A lagosta para a venda.

4—Comprando lagostas para bordo dos navios francezes.

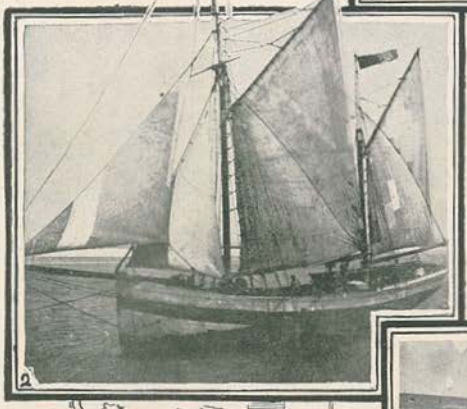
setenta e quatro mil seiscentos e vinte réis.

Essa baixa alarma os pescadores que outr'ora tinham maiores salarios e faz-lhes crescer o odio contra os bar-

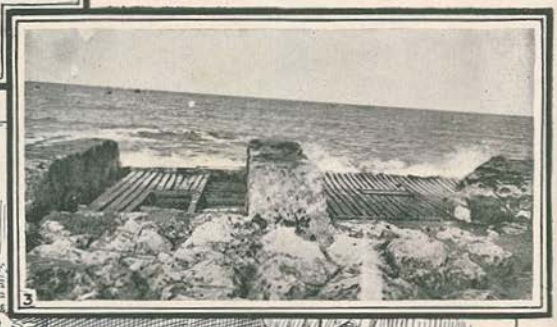
cos francezes e hespanhoes — os *piratas*, os *larapios*, como lhes chamam — que veem á pesca nas aguas penicheiras e levam as boas lagostas portuguezas para os mercados estrangeiros.

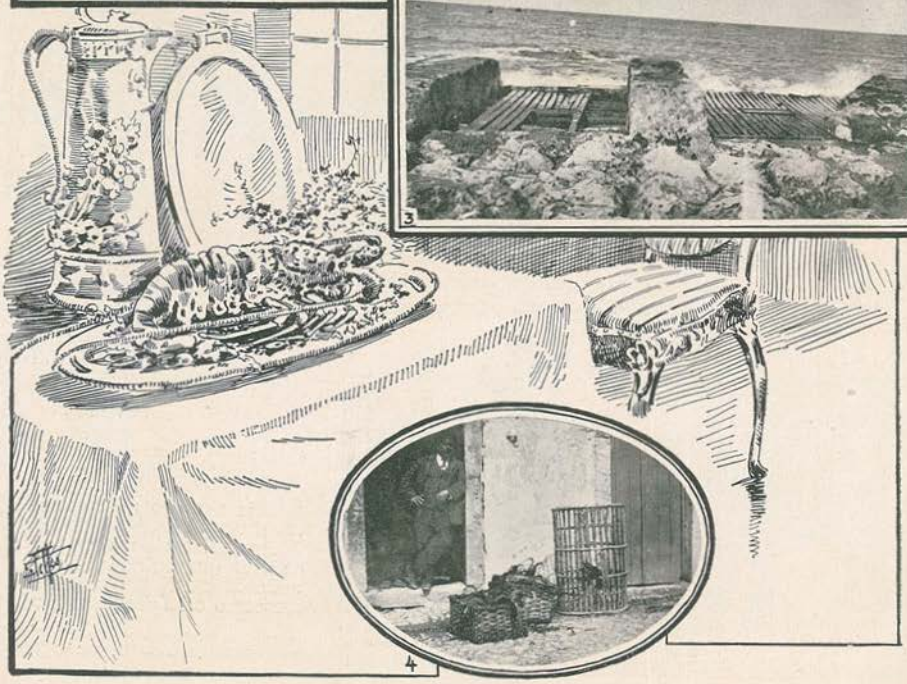
Depois d'aí tambem a carestia do crustaceo entre nós, onde ultimamente ainda foram vendidos seis que appareceram na praça para bordo do *yacht Albert* a dois mil réis cada.

Sem essa concorrencia poderiamos obtel-as a seiscentos ou oitocentos réis, mesmo em epocas de grande escassez, como sucedia ainda ha um ano, mas desalojadas pelos *covos* francezes sobretudo, as lagostas rareiam e começam a ser um mito as esplendidas saladas que com elas se fabricavam e eram a delicia, o aperitivo, o soberbo petisco, apreciado como um prato bem nacional.



1—Levando covos para o mar. 2—Chalupa franceza dos compradores das lagostas. 3—Viveiros fixos para lagostas no serro da Cambôa (Peniche de Cima) 4—Covo á moda de França apreendido no mar aos pescadores francezes.





Aspéto do jantar oferecido pela colonia alemã ao novo ministro da Alemanha em Lisboa, sr. dr. Rosen.

Os realistas portuguezes passam no Tejo

1, 3 e 4—A bordo do «Tucuman» durante a estada no Tejo. 2—O «Tucuman» a bordo do qual passaram no Tejo 62 conspiradores com destino ao Brazil—(Clichés de Benoliel)